

DESIGUALDADE S.A.

Como o poder das grandes empresas divide o nosso mundo e a necessidade de uma nova era de ação pública



OXFAM

ÍNDICE

Agradecimentos	3
Prefácio - Bernie Sanders	5
Prefácio - Rokeya Rafique	6
Sumário Executivo	7
Notas	16

AGRADECIMENTOS

© Oxfam Internacional janeiro de 2024

Autores principais: Rebecca Riddell, Nabil Ahmed, Alex Maitland, Max Lawson e Anjela Taneja.

Autores colaboradores: Alex Bush, Alexandre Poidatz, Andrew Gogo, Anthony Kamande, Christian Hallum, Gustavo Ferroni, Henry Ushie, Inigo Macias Aymar, Jonas Gielfeldt, Lies Craeynest, Mariana Anton, Martin Brehm Christensen, Nafkote Dabi, Rachel Noble, Sunil Acharya, Susana Ruiz, Uwe Gneiting e Yaxkin Rodriguez.

Coordenação: Anjela Taneja.

A Oxfam agradece a contribuição de Ally Davies, Anna Marriott, Annie Thériault, Ashley Hart, Barbara Scottu, Dana Abed, Deepak Xavier, Ed Pomfret, Emma Seery, Enrique Naveda, Grazielle Custodio, Irene Guijt, Irit Tamir, Jane Garton, Joss Saunders, Juan Sebastian Pardo, Kira Boe, Lies Craeynest, Linda Odour Noah, Lucy Cowie, Mahmuda Sultana, Morgane Menichini, Robbie Silverman, Rod Goodbun, Ruth Mhlanga, Sandra Sánchez Migallón, Seán McTernan e Victoria Harnett.

Desenho gráfico de Nigel Willmott com apoio de Juliet Brunet para visualização de dados.

A Oxfam agradece a vários especialistas e organizações que generosamente deram sua contribuição: American Economic Liberties Project, Âurea Mouzinho, Balanced Economy Project, Christoph Lakner, Claire Godfrey, Daniel Gerszon Mahler, Danny Dorling, Erik Peinert, Grieve Chelwa, Michelle Meagher, Nicholas Shaxson, Nick Dearden, Nidhi Hegde, Niko Lusiani, Sarah Bradbury, Sofia del Valle, Nishant Yonzan e World Benchmarking Alliance.

Este documento foi escrito para informar o debate público sobre questões de desenvolvimento, desigualdades e políticas humanitárias. Para obter mais informações sobre as questões aqui levantadas, envie um e-mail para jefferson.nascimento@oxfam.org.br

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas o texto pode ser usado gratuitamente para fins de defesa de direitos, campanhas, educação e pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. A detentora dos direitos autorais solicita que qualquer uso lhe seja informado para fins de avaliação de impacto. Para reprodução em quaisquer outras circunstâncias, reutilização em outras publicações ou para tradução ou adaptação, deverá ser obtida permissão e poderá haver cobrança. Envie um e-mail para policyandpractice@oxfam.org.uk.

As informações contidas nesta publicação estão corretas no momento da impressão.

Publicado pela Oxfam GB para a Oxfam Internacional sob DOI: 10.12201/2024.000007

Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, Reino Unido.

Foto da capa: Trabalhadores do setor de vestuário protestam para exigir um aumento do salário-mínimo em Daca, Bangladesh, em 31 de outubro de 2023. © Kazi Salahuddin Razu/NurPhoto via Getty Images.

Página 7: Vista aérea de um barco de mergulho de luxo nas Ilhas Maldivas. Foto por Aleksei Permiakov/Getty Images.

Página 16: Paisagem urbana de Mumbai, em Maharashtra, Índia. Foto por Adrian Catalin Lazar/iStock Images.

Página 25: Mão segurando cordas de fantoche. Foto por Sveta Zi/iStock Images.

Página 33: Trabalhadora monta sapatos na fábrica de Lien Phat, na província de Binh Duong, Vietnã. Foto por Aaron Joel Santos Images/Shutterstock.

Página 47: No Reino Unido, milionários propondo uma solução para a desigualdade projetam as palavras "TAXEM A RIQUEZA NÃO O TRABALHO" no prédio do Bank of England. Foto por Milionários Patriotas UK.

Tradução para o português: Roberto Cataldo – Verso Tradutores

Edição da versão em português: Brief Comunicação

Revisão Geral: Jorge Cordeiro

Informe da Oxfam – janeiro de 2024

Desde 2020, os cinco homens mais ricos do mundo duplicaram suas fortunas. No mesmo período, quase cinco bilhões de pessoas em todo o planeta ficaram mais pobres. Privação e fome são uma realidade cotidiana para muita gente. No ritmo atual, serão necessários 230 anos para acabar com a pobreza, mas poderemos ter o nosso primeiro trilionário em 10 anos.

Uma imensa concentração do poder das grandes empresas e monopólios em nível global está exacerbando a desigualdade em toda a economia. Sete de cada dez das maiores empresas do mundo têm bilionários como CEOs ou

principais acionistas. Ao pressionar os trabalhadores, evitar o pagamento de impostos, privatizar o Estado e contribuir para o colapso climático, essas empresas estão impulsionando a desigualdade e agindo a serviço da entrega de cada vez mais patrimônio a seus donos, já ricos. Para acabar com a desigualdade extrema, os governos terão que redistribuir de forma radical o poder dos bilionários e das grandes empresas às pessoas comuns.

Um mundo mais igualitário é possível se os governos regularem e repensarem o setor privado de forma eficaz.



Paisagem de Pequim, China. Foto por Li Yang/Unsplash.



Todos os anos, a Oxfam faz um extraordinário trabalho ao destacar o rápido movimento em direção a uma oligarquia global, em que apenas um punhado de bilionários possui e controla uma parte importante da economia do mundo. E a cada ano, esse movimento fica mais intenso e mais obscuro.

Aqui está a dura realidade econômica que devemos enfrentar:

Nunca antes, na história da humanidade, tão poucos tiveram tanto.

Nunca antes, na história da humanidade, houve tanta desigualdade de renda e patrimônio.

Nunca houve concentrações tão grandes de propriedade.

Nunca se viu uma classe bilionária com tanto poder político.

E nunca se viu tanta ganância, arrogância e irresponsabilidade por parte da classe dominante.

Nos Estados Unidos, três pessoas possuem mais riqueza do que a metade mais pobre da sociedade, enquanto mais de 60% dos trabalhadores vivem com o salário contado. Apesar dos enormes aumentos na produtividade do trabalho e de uma explosão nas tecnologias, os salários reais médios no país são mais baixos hoje do que eram há 50 anos.

Mas, como salienta a Oxfam, esse certamente não é um problema apenas dos Estados Unidos. É um problema global. Desde 2020, embora quase cinco bilhões de pessoas em todo o mundo tenham sido levadas a uma pobreza ainda maior, os cinco homens mais ricos do planeta ficaram duas vezes mais ricos e valem agora mais de 800 bilhões de dólares. Mais de 800 bilhões de dólares em patrimônio – para apenas cinco indivíduos!

Enquanto milhões de pessoas em todo o mundo vivem na pobreza extrema, sem água potável, serviços de saúde adequados, moradia digna ou educação para os filhos, os bilionários do mundo aumentaram sua riqueza em mais de 3 trilhões de dólares só nos últimos três anos. Trilhões, com “t”.

Os bilionários ficam mais ricos, a classe trabalhadora passa por dificuldades e os pobres vivem em desespero. Esse é o estado lamentável da economia mundial.

Essa é a má notícia. Mas tem notícia boa. Graças a organizações como a Oxfam, cada vez mais pessoas em todo o mundo estão estabelecendo vínculos entre a dura realidade econômica das suas vidas e a natureza destrutiva do nosso sistema supercapitalista que recompensa a ganância e o lucro acima de qualquer outro valor humano.

Trabalhadores dos Estados Unidos e de todo o mundo deixam claro que já estão fartos de ser enganados e explorados. Eles não estão mais sentados, permitindo que grandes empresas obtenham lucros recorde enquanto eles ficam cada vez mais para trás. Estão reagindo, muitos deles obtendo aumentos substanciais de salários, benefícios e condições de trabalho.

Aqui está a verdade nua e crua: se nos unirmos em nossa humanidade comum, teremos diante de nós enormes oportunidades para criar uma vida melhor para todos.

Podemos garantir a saúde como um direito humano para todos os homens, mulheres e crianças. Podemos combater as mudanças climáticas, salvar o planeta e criar dezenas de milhões de empregos bem remunerados no setor de energia verde. Podemos usar os avanços da tecnologia e da produtividade dos trabalhadores para melhorar nossas vidas. Podemos eliminar a pobreza e aumentar a expectativa de vida.

Podemos fazer tudo isso e muito mais se estivermos preparados para unir as pessoas de baixa renda e os trabalhadores de todo o mundo na construção de um movimento internacional que enfrente a ganância e a ideologia da classe bilionária e nos leve a um mundo baseado na justiça econômica, social e ambiental.

Este relatório nos aproxima. Eu tenho muita admiração pela liderança da Oxfam no combate à oligarquia global e na criação de um mundo mais justo.

Bernie Sanders
Senador dos Estados Unidos



Tenho orgulho de estar à frente da Karmojibi Nari (KN), uma organização não governamental sem fins lucrativos, liderada por mulheres em Bangladesh. Trabalhando desde 1991, continuamos marchando na estrada para garantir os direitos, a dignidade, o poder e a autoridade das mulheres. Nossa missão é criar uma sociedade justa e igualitária, livre de exploração, privação e discriminação; uma sociedade em que trabalhadoras e trabalhadores e mulheres gozem de direitos, dignidade, poder e autoridade.

Atuamos para organizar minhas irmãs da classe trabalhadora na indústria do vestuário; lutamos pelos seus direitos, arriscando a vida por mais igualdade. O salário-mínimo para quem trabalha no setor têxtil em Bangladesh permanece o mesmo desde 2019: 8 mil takas por mês (73 dólares). Isso é apenas um terço de um salário digno. Enquanto isso, o custo de vida aumentou significativamente devido à inflação, com os preços dos alimentos subindo entre 21% e 50% entre 2022 e 2023.

Trabalhadoras e trabalhadores do setor do vestuário estão endividadas e têm de pedir dinheiro emprestado para satisfazer necessidades básicas como alimentação, medicamentos e transportes. Elas trabalham cerca de 11 horas por dia, seis dias por semana, raramente tendo acesso a licença de saúde remunerada, apesar de ser obrigatória por lei. Com frequência, trabalham noite adentro (e às vezes, a noite toda) para cumprir metas de produção inatingíveis. A questão da segurança é um medo de todas; ouvimos muito falar de mulheres feridas no trabalho, e muitas têm medo de incêndios em fábricas devido às saídas bloqueadas. Depois que 47 trabalhadores e trabalhadoras morreram em um incêndio em uma fábrica de roupas em Chittagong, em 2006, a Karmojibi Nari tem enfrentado essa questão como membro fundador do Fórum de Segurança dos Trabalhadores

(SNF). Nossa organização ocupou o secretariado do Fórum e manteve diálogos com a Associação de Exportação e Fabricantes de Vestuário de Bangladesh (BGMEA) e outros afetados e envolvidos com obrigações relacionadas ao tema.

Trabalhamos pela organização e a educação das mulheres da classe trabalhadora para que entendam seus direitos e lutem por eles, para que compreendam que fazem parte de um enorme sistema global que extrai riqueza do seu trabalho e procura explorar as mulheres nos países do Sul Global, como Bangladesh.

As peças de vestuário que elas costuram durante longas jornadas na fábrica são vendidas nos países ricos, muitas vezes por mais do que as trabalhadoras ganham em um mês. Esse dinheiro não vai para elas, e sim para os proprietários das fábricas, as distantes empresas de roupas e os seus acionistas, que são homens ricos de países ricos – alguns deles, bilionários. Esses bilionários têm mais dinheiro do que uma trabalhadora do setor do vestuário poderia ganhar em mil vidas. Quem poderia justificar tamanha riqueza construída sobre o sofrimento de minhas irmãs, que dão seu suor todos os dias?

Este relatório da Oxfam me mostrou, mais do que nunca, como essas grandes empresas e seus proprietários bilionários parecem ter cada vez mais poder, e que não teremos um mundo igualitário enquanto não enfrentarmos e superarmos esse poder.

As lutas da minha organização, dos sindicatos em Bangladesh e de muitas mulheres da classe trabalhadora do país estão ligadas a uma luta global com ativistas de todo o mundo, contra a desigualdade e o poder das grandes empresas. Juntas, devemos continuar a lutar, e juntas, acredito que venceremos.

Rokeya Rafique
Diretora-executiva, Karmojibi Nari (KN)



SUMÁRIO EXECUTIVO

UMA DÉCADA DE DIVISÃO



UMA DÉCADA DE DIVISÃO

→ Jeff Bezos é um dos homens mais ricos do mundo. Sua fortuna de 167,4 bilhões de dólares aumentou em 32,7 bilhões desde 2020.¹ Bezos foi ao espaço por 5,5 bilhões de dólares e agradeceu aos trabalhadores da Amazon por tornarem isso possível.² A empresa tem um histórico de ações para impedir a sindicalização dos trabalhadores.³

→ O reverendo Ryan Brown trabalha em um centro de distribuição da Amazon na Carolina do Norte, nos Estados Unidos.. Ele descreve o trabalho como sendo fisicamente pesado, monótono e exaustivo, com trabalhadores sujeitos ao racismo e à discriminação. Ele está envolvido em grupos de trabalho para lidar com questões de ambiente de trabalho a fim de combater o racismo e garantir um salário digno.⁴

→ Os trabalhadores que atuam no processamento de frutos do mar no Sudeste Asiático forneceram alimentos a supermercados como o Whole Foods, de propriedade da Amazon, e outros.⁵ Entre eles está Susi, que trabalhava em uma indústria de camarão. Ela disse: “Enquanto nós trabalhávamos, não havia intervalo de descanso. Eu não tinha permissão para beber água.”⁶

A fortuna dos cinco bilionários mais ricos do mundo mais do que dobrou desde o início desta década, enquanto 60% da humanidade ficou mais pobre.⁷ Durante anos, a Oxfam alertou sobre a desigualdade crescente e extrema. No momento em que entramos em 2024, há um perigo muito real de que esses extremos extraordinários se tornem o novo normal. Como este informe demonstra, o poder das grandes empresas e dos monopólios é uma máquina implacável de gerar desigualdades.

A década de 2020 oferece oportunidades para que líderes façam com que o nosso mundo avance em uma direção ousada, nova e mais justa. Isso ainda não aconteceu. Uma era de desigualdade crescente coincidiu com um estreitamento da imaginação econômica. Estamos atravessando o que parece ser o início de uma década de divisão: em apenas três anos, vivemos uma pandemia global, guerra, uma crise no custo de vida e o colapso climático. Cada crise ampliou o fosso – não tanto entre os ricos e as pessoas que vivem na pobreza, mas entre uns poucos membros de oligarquias e a grande maioria.



Trabalhadores fazendo campanha pela sindicalização na Filadélfia, Estados Unidos. Foto por Joe Piette/Flickr.

Este documento apresenta a escolha fundamental com que nos deparamos: uma nova era de supremacia bilionária controlada por monopolistas e financistas, ou um poder público transformador, baseado na equidade e na dignidade.

Quadro 1: A desigualdade em números

- Desde 2020 e do início desta década de divisão, os cinco homens mais ricos do mundo viram suas fortunas mais do que duplicar, enquanto quase cinco bilhões de pessoas viram seu patrimônio diminuir.⁸
- Se cada um dos cinco homens mais ricos gastasse um milhão de dólares por dia, eles levariam 476 anos para esgotar toda sua fortuna combinada.⁹
- Sete em cada dez das maiores empresas do mundo têm bilionários como CEOs ou principais acionistas.^{10, 11}
- Em termos globais, os homens possuem 105 trilhões de dólares em patrimônio a mais do que as mulheres – a diferença é equivalente a mais de quatro vezes a economia dos Estados Unidos.¹²
- O 1% mais rico do mundo tem 43% de todos os ativos financeiros globais.¹³
- O 1% mais rico do mundo emite tanta poluição de carbono que os dois terços mais pobres da humanidade.¹⁴
- Nos Estados Unidos, o patrimônio de uma família negra comum equivale a apenas 15,8% ao de uma família branca comum.¹⁵ No Brasil, em média, o rendimento dos brancos é mais de 70% superior à renda de pessoas negras.¹⁶
- Apenas 0,4% das mais de 1.600 maiores e mais influentes empresas do mundo se comprometeram publicamente com o pagamento de salários dignos a seus trabalhadores e apoiam isso em suas cadeias de valor.¹⁷
- Levaria 1.200 anos para uma trabalhadora do setor de saúde ganhar o que um CEO de uma das 100 maiores empresas da lista da Fortune ganha em média por ano.¹⁸

Um mundo cruel para muitos

Para a maioria das pessoas no mundo, o início desta década foi incrivelmente difícil. Quando este informe foi escrito, 4,8 bilhões de pessoas estavam mais pobres do que em 2019.¹⁹ Para aquelas mais pobres de todas, que são em sua maioria as mulheres, as populações discriminadas e minorizadas e os grupos marginalizados em todas as sociedades, a vida cotidiana se tornou ainda mais cruel. A desigualdade global – o fosso entre o Norte e o Sul do planeta – cresceu pela primeira vez em 25 anos.²⁰

Os preços estão aumentando mais do que os salários em todo o mundo,²¹ com centenas de milhões de pessoas vendo seus rendimentos comprarem menos todos os meses e suas perspectivas de um futuro melhor desaparecerem. O colapso climático, impulsionado pelos super-ricos, está aumentando dramaticamente a desigualdade global.²² Repetidamente, manifestações e greves de trabalhadores chegam às manchetes e ocupam as primeiras páginas.²³

Os governos não estão conseguindo se manter financeiramente diante da dívida crescente e do aumento dos custos de importação de combustíveis, alimentos e medicamentos. Entre agora e 2029, os países de renda baixa e média-baixa deverão pagar quase meio bilhão de dólares por dia em juros e dívidas, e terão de fazer grandes cortes de gastos para poder pagar os credores.²⁴ Esses cortes costumam ser sentidos de forma mais aguda pelas mulheres.²⁵

Um mundo maravilhoso para uns poucos

Nesse ínterim, o enorme aumento da riqueza extrema testemunhado desde 2020 veio para ficar. Os bilionários estão 3,3 trilhões de dólares – ou 34% – mais ricos do que no início desta década de crise, com um patrimônio que cresce três vezes mais rapidamente do que a inflação.²⁶

Essa riqueza está concentrada no Norte Global. Apenas 21% da humanidade vive nos países dessa parte do mundo, mas eles concentram 69% da riqueza privada e 74% da riqueza dos bilionários do planeta.²⁷ Os outros grandes vencedores nesse período de crise são as companhias globais. Para essas grandes empresas, assim como para os indivíduos super-ricos, as duas últimas décadas foram extraordinariamente lucrativas, e os últimos anos foram ainda melhores: as maiores empresas registraram um salto de 89% nos lucros em 2021 e 2022.²⁸ Novos dados mostram que 2023 deve bater todos os recordes como o ano mais lucrativo até agora. E 82%

desses lucros são usados para beneficiar os acionistas das empresas,²⁹ cuja maioria esmagadora está entre as pessoas mais ricas em cada sociedade.

A relação entre riqueza extrema e poder empresarial

O aumento acentuado da riqueza bilionária e o crescimento do poder de empresas e monopólios estão profundamente interligados. Os lucros das megacorporações são usados para beneficiar os acionistas, à custa de trabalhadores e pessoas comuns. Este informe revela como o poder empresarial e os monopólios fizeram explodir a desigualdade e como esse poder explora e amplia as disparidades de gênero, raça e etnia, bem como econômicas.

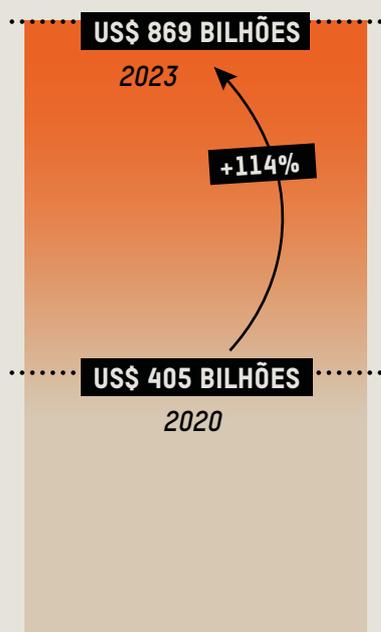
O relatório usa novos dados para demonstrar que as pessoas mais ricas não são apenas as maiores beneficiárias da economia global, mas também exercem sobre ela um controle significativo.

Uma nova pesquisa da Oxfam mostra quanto dos ativos financeiros do mundo pertencem ao 1% mais rico. Usando dados da Wealth X, descobrimos que o 1% mais rico possui 43% de todos os ativos financeiros globais.³⁰ No Oriente

Médio, essa parcela da população detém 48% da riqueza financeira; na Ásia, o 1% mais rico detém 50% da riqueza; e na Europa, o 1% mais rico detém 47% da riqueza.

Observando as 50 maiores empresas de capital aberto do mundo, os bilionários são os principais acionistas ou CEOs de 34% delas, com uma capitalização de mercado total de 13,3 trilhões de dólares.^{31, 32} Sete das dez maiores empresas cotadas em Bolsas de Valores pelo mundo têm bilionários como CEOs ou principais acionistas.³³ As ações com direito a voto de um acionista principal lhe dão poder de votar em quem será o diretor-executivo da empresa, ou Chief Executive Officer (CEO), e quem deve fazer parte do conselho de administração.

Os proprietários bilionários usam esse controle para garantir que o poder das empresas esteja em constante crescimento por meio do aumento da concentração do mercado e do monopólio, possibilitados pelos governos. Esse aumento do poder empresarial, por sua vez, visa proporcionar retornos cada vez maiores para eles, os acionistas, às custas de todos os outros.



OS CINCO HOMENS MAIS RICOS DO MUNDO MAIS QUE DOBRARAM SUA RIQUEZA DESDE 2020, ENQUANTO CINCO BILHÕES DE PESSOAS FICARAM MAIS POBRES.



UMA NOVA ERA DE MONOPÓLIO: O PODER EMPRESARIAL TURBINADO

Vivemos uma era de poder monopolista, que permite que as grandes empresas controlem mercados, definam os termos de troca e lucrem sem medo de perder negócios. Longe de ser um fenômeno abstrato, isso nos afeta de muitas maneiras: influenciam os salários que recebemos, os alimentos que comemos e podemos comprar, e os medicamentos a que temos acesso. Mais do que acidental, infelizmente esse poder foi entregue aos monopólios pelos nossos governos.

Setor após setor, o aumento da concentração de mercado pode ser observado em toda a parte. Globalmente, ao longo de duas décadas, 60 empresas farmacêuticas se fundiram em apenas dez gigantescas companhias globais, as chamadas “Big Pharma”, entre 1995 e 2015.³⁴ Duas empresas internacionais detêm agora mais de 40% do mercado global de sementes.³⁵ As grandes empresas de tecnologia, as “Big Techs,” dominam mercados: três quartos dos gastos globais com publicidade online são pagos à Meta, Alphabet e Amazon,³⁶ e mais de 90% das buscas por informação online são feitas no Google.³⁷ A agricultura se consolidou na África.³⁸ A Índia enfrenta uma “concentração industrial crescente”, principalmente por parte de suas cinco maiores empresas.³⁹

Os monopólios aumentam o poder das grandes empresas e dos seus proprietários, em detrimento de todos os outros. Organismos como o FMI concordam que o poder monopolista está crescendo e contribuindo para as desigualdades.⁴⁰ As margens de lucro médias das megacorporações dispararam nas últimas décadas,⁴¹ enquanto o poder de monopólio permitiu que grandes empresas, em muitos setores concentrados, se articulassem tacitamente para elevar os preços e assim aumentar suas margens, desde 2021,⁴² com os setores energético, alimentar e farmacêutico registrando enormes aumentos de preços.⁴³

As empresas de *private equity* (forma de investimento em empresas que não estão no mercado de ações), com apoio global de 5,8 trilhões de dólares em dinheiro de investidores desde 2009, usaram o acesso financeiro privilegiado para atuar como força monopolizadora em todos os setores.⁴⁴ Para além do setor de *private equity*, as “três grandes” gestoras de fundos de investimento, as chamadas “Big Three” – BlackRock, State Street e Vanguard – administram, juntas, cerca de 20 trilhões de dólares em ativos de pessoas, cerca de um quinto de todos os ativos sob algum tipo de gestão,⁴⁶ o que aprofundou o poder de monopólio.⁴⁷

**DAS 10
MAIORES CORPORAÇÕES
DO MUNDO,
SETE TÊM UM
BILIONÁRIO NO COMANDO.**

**O VALOR TOTAL
DESSAS EMPRESAS É
DE US\$ 10,2 TRILHÕES.**



Quatro maneiras pelas quais o poder das grandes empresas alimenta as desigualdades

A crescente monopolização turbinou o poder das empresas, que têm um objetivo principal, acima de todos os outros: aumentar os retornos para seus acionistas. Para maximizar esses retornos, as empresas usam seu poder visando impulsionar e consolidar ainda mais a desigualdade. Este informe analisa quatro maneiras em que isso acontece:

1. Recompensando os super-ricos, não os trabalhadores

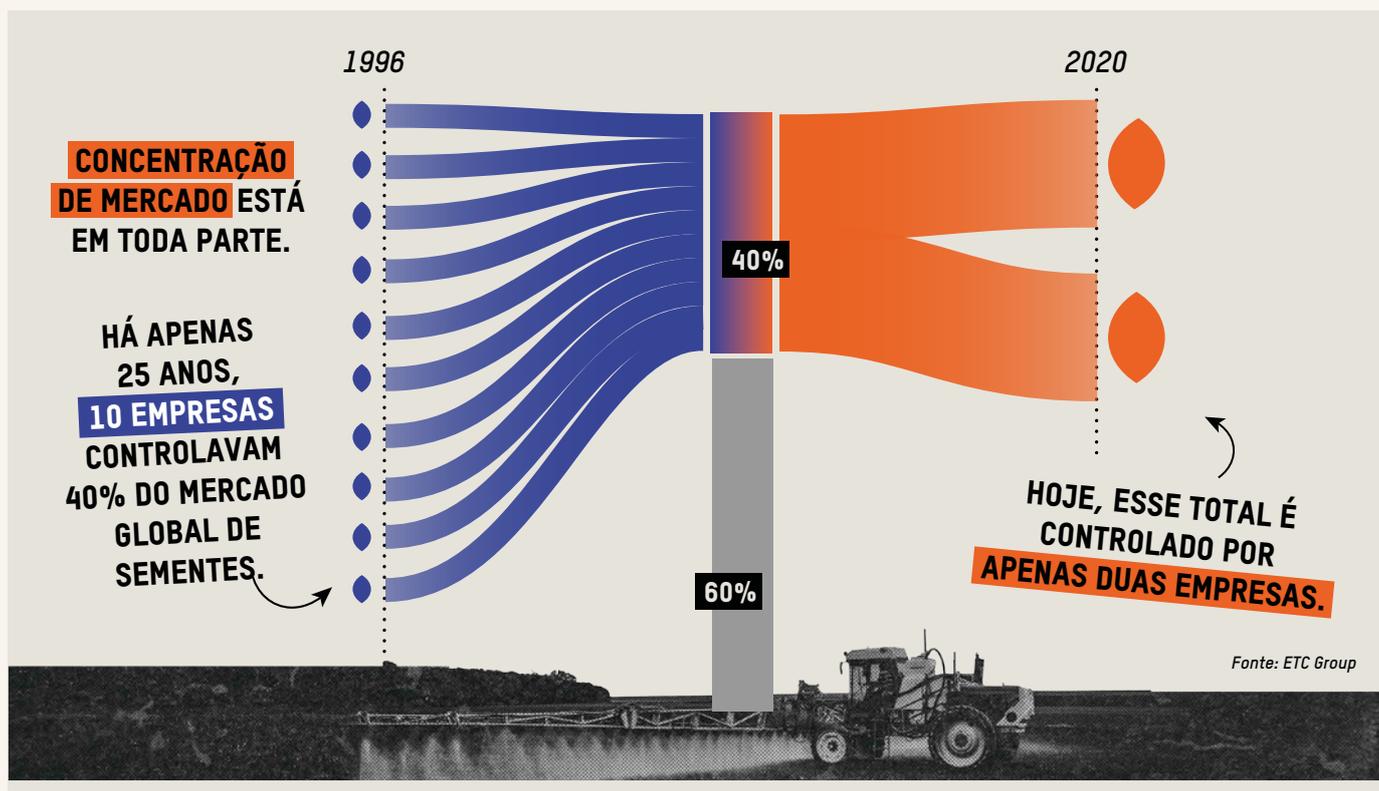
As grandes empresas impulsionam a desigualdade ao usar seu poder para forçar a redução de salários e direcionar os lucros para os super-ricos. Em 2022, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) alertou que o declínio histórico dos salários reais poderia aumentar a desigualdade e estimular a agitação social.⁴⁸ Nossa própria análise para este informe revela que 791 milhões de trabalhadores viram seus salários ficarem abaixo da inflação e, como resultado, perderam 1,5 trilhão de dólares nos últimos dois anos, o equivalente a quase um mês (25 dias) de salários perdidos por trabalhador.⁴⁹ As mulheres estão amplamente sobrerrepresentadas nos empregos mais mal pagos e precários⁵⁰ e, em 2019, ganharam apenas 51 centavos para

cada dólar de remuneração dos homens.⁵¹ As populações discriminadas e excluídas de direitos por raça e etnia enfrentam exploração nas cadeias de abastecimento,⁵² e as pessoas brancas se beneficiam desproporcionalmente dos lucros gerados pelas empresas.⁵³

Além disso, as grandes empresas usaram sua influência para se opor às leis e às políticas trabalhistas que poderiam beneficiar os trabalhadores, por exemplo, combatendo aos aumentos do salário mínimo,⁵⁴ defendendo reformas que prejudicam os direitos dos trabalhadores,⁵⁵ restringindo politicamente a sindicalização⁵⁶ e promovendo retrocessos nas leis sobre trabalho infantil.⁵⁷

2. Evitando o pagamento de impostos

As grandes empresas e seus ricos proprietários também fomentam a desigualdade ao travar uma guerra sustentada e altamente eficaz contra a tributação. A alíquota do imposto sobre a renda das pessoas jurídicas caiu mais de 50% nos países da OCDE desde 1980.⁵⁸ O planejamento tributário agressivo, o uso abusivo de paraísos fiscais e os incentivos fiscais resultam em alíquotas muito mais baixas e, muitas vezes, próximas de zero.⁵⁹



Isso impulsiona a desigualdade de várias maneiras. Os ricos arcam com uma parcela desproporcionalmente mais alta dos impostos pagos pelas empresas, de forma que a redução desses tributos nas últimas décadas representou, na prática, outro corte de impostos para esses setores.⁶⁰ Também privou governos no mundo todo, mas principalmente no Sul Global, de trilhões de dólares em receitas que poderiam ser usadas para reduzir as desigualdades e acabar com a pobreza.⁶¹ Cada dólar de impostos não pago representa uma enfermeira que nunca será contratada ou uma escola que não pode ser construída.

3. Privatizando os serviços públicos

Em todo o mundo, o poder das grandes empresas está pressionando incessantemente o setor público, mercantilizando e segregando o acesso a serviços vitais, como educação, água e saúde, muitas vezes enquanto desfruta de enormes lucros bancados pelos contribuintes.⁶² Isso pode solapar a capacidade dos governos de fornecer serviços públicos universais e de alta qualidade que poderiam reduzir as desigualdades.⁶³

Os interesses em jogo são enormes. Os serviços essenciais movimentam trilhões de dólares e representam imensas oportunidades de geração de lucros e riqueza para acionistas já muito ricos. O Banco Mundial e outros atores envolvidos no financiamento do desenvolvimento deram prioridade à prestação de serviços privados, tratando os serviços básicos, na prática, como classes de ativos e usando

dinheiro público para garantir retornos às empresas em vez de direitos humanos.⁶⁴ As empresas de *private equity* estão comprando tudo, de sistemas de água a serviços de saúde e lares de idosos, em meio a uma cantilena sobre resultados fracos e até trágicos.⁶⁵

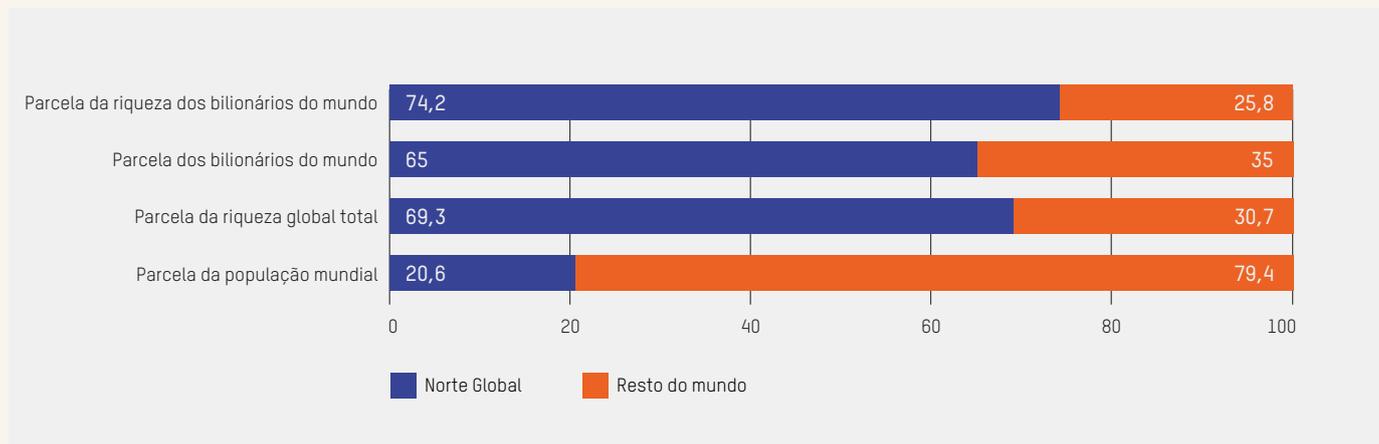
A privatização pode impulsionar e reforçar desigualdades em serviços públicos vitais, consolidando as disparidades entre ricos e pobres, excluindo e empobrecendo aqueles que não podem pagar, enquanto os que podem têm acesso a bons serviços de saúde e educação.⁶⁶ A privatização também pode gerar desigualdades com base em gênero,⁶⁷ raça⁶⁸ e casta. Por exemplo, a Oxfam constatou que os *dalits*, na Índia, são os que mais têm que lidar com preços elevados, fora do seu alcance, quando precisam de serviços privados de saúde,⁶⁹ além de sofrerem também com a exclusão financeira no ensino privado e discriminação explícita em ambos.⁷⁰

4. Contribuindo para o colapso climático

O poder das grandes empresas está contribuindo para o colapso climático que, por sua vez, gera grande sofrimento e exacerba as desigualdades, inclusive em termos de raça, classe e gênero.⁷¹ Muitos dos bilionários do mundo possuem, controlam, definem e lucram financeiramente com processos que emitem gases de efeito de estufa⁷² e, portanto, são beneficiados quando as empresas procuram bloquear os avanços a uma transição rápida e justa, negam e distorcem a verdade sobre as mudanças climáticas, e destroem quem se opõe à extração de combustíveis fósseis.⁷³

FIGURA: RICOS DO NORTE GLOBAL AINDA CONTROLAM O MUNDO

Concentração de riqueza no Norte Global comparada ao resto do mundo (%)



Fonte: Cálculos da Oxfam baseados nos dados da lista de bilionários da Forbes⁷⁴ e do relatório sobre Riqueza Global da UBS⁷⁵

NÃO PRECISA SER ASSIM: UMA ECONOMIA PARA TODAS AS PESSOAS É POSSÍVEL

O poder descontrolado das grandes empresas e a riqueza extrema descontrolada já foram contidos e restringidos no passado, e podem voltar a sê-lo. Este informe descreve formas concretas, comprovadas e práticas de fazer com que a economia funcione para todas as pessoas.

Estabelecer metas e planos para a redução radical e rápida da desigualdade

Há um amplo consenso de que a desigualdade está alta demais em quase todas as nações e em nível global.⁷⁶

Em 2023, alguns dos principais economistas do mundo, incluindo Jayati Ghosh e Thomas Piketty,⁷⁷ juntaram-se a

antigos funcionários da ONU, do FMI e do Banco Mundial para apelar pelo estabelecimento de metas claras de redução da desigualdade. A Oxfam apoia a ideia, proposta por Joseph Stiglitz,⁷⁸ de que cada país deve ter como objetivo uma situação em que a desigualdade seja reduzida a um nível em que os 40% mais pobres da população tenham aproximadamente a mesma renda dos 10% mais ricos, conhecido como índice Palma de 1.⁷⁹

Os governos mais ricos têm uma responsabilidade especial, dada a sua influência desproporcional na definição de regras e normas globais. O papel do G20, atualmente liderado pelo Brasil, e os esforços dos países do Sul Global na ONU, oferecem oportunidades vitais para uma ação multilateral voltada a combater a desigualdade nacional e global.



Mariam faz parte de uma cooperativa no Mali que produz fogueiras de cozinha melhoradas; essas fogueiras reduzem o desflorestamento e o tempo que as mulheres gastam coletando lenha. Foto por Diafara Traoré/Oxfam.

Controlar o poder das grandes empresas: três passos práticos

1. Revitalizar o Estado

Um Estado forte e eficaz é a melhor defesa contra o poder das grandes empresas. Ele fornece bens públicos, cria e modela mercados, corrige as suas falhas e é proprietário e operador de empreendimentos comerciais nacionais, tendo respondido por até 40% da produção doméstica do mundo em 2018.⁸⁰ Os governos precisam assumir um papel proativo na formação das suas economias para o bem comum, das seguintes formas:

- Garantir serviços públicos que reduzam a desigualdade, incluindo saúde, educação, assistência e segurança alimentar.
- Investir em transporte, energia, habitação e outras infraestruturas de caráter público.
- Explorar um monopólio público ou uma opção pública em setores propensos ao poder monopolista e que são fundamentais para combater a desigualdade extrema e promover uma rápida transição na superação dos combustíveis fósseis. Esses setores podem incluir fornecimento público de energia, transporte público (em situações em que, em função dos custos de investimento em infraestruturas, só pode haver um fornecedor eficiente) e outros setores onde haja um benefício nacional significativo.⁸¹
- Melhorar a transparência, a responsabilização e a supervisão das instituições públicas (incluindo as empresas estatais).
- Reforçar a capacidade reguladora, financeira e de pessoal para fazer cumprir as leis e garantir que o setor privado sirva ao bem comum.

2. Regular as grandes empresas

Os governos precisam usar sua força para conter o poder descontrolado das grandes empresas e prevenir injustiças nas cadeias de abastecimento delas, em níveis nacional e internacional. Eles devem:

- Romper os monopólios privados e restringir o poder das grandes empresas. Os governos podem aprender com as atuais ações judiciais antimonopólio, como as ajuizadas nos Estados Unidos e na Europa, e com as lições da história onde a concentração de riqueza foi combatida

com êxito.⁸² Também têm que parar o monopólio do conhecimento ao democratizar o comércio e acabar com o abuso das regras de patentes (por exemplo, por parte das grandes empresas farmacêuticas sobre os medicamentos) que impulsionam a desigualdade.

- Empoderar trabalhadores e comunidades. As grandes empresas devem pagar salários dignos e se comprometer a garantir a justiça climática e de gênero: o pagamento de dividendos e as recompras devem ser proibidos até que isso esteja garantido. Os sindicatos devem ser apoiados, protegidos e estimulados. A remuneração dos CEOs deve ser limitada. Os governos devem propor medidas juridicamente vinculantes para assegurar os direitos de mulheres e dos povos discriminados por raça e etnia, e garantir a obrigatoriedade da devida diligência em direitos humanos e ambientais.
- Elevar radicalmente os impostos sobre grandes empresas e indivíduos ricos. Isso inclui tributos permanentes sobre riqueza e lucros excessivos. O G20, atualmente sob a liderança do Brasil, deve defender um novo acordo internacional para aumentar os impostos sobre a renda e o patrimônio dos indivíduos mais ricos do mundo.

3. Reinventar os negócios

Os governos podem usar o poder que têm para reinventar e redirecionar o setor privado. Eles devem:

- Usar toda a sua força para criar e promover uma nova geração de empresas que não priorizem os acionistas – incluindo cooperativas locais e de trabalhadores, empreendimentos sociais e empresas de comércio justo – cujas propriedade e gestão se deem no interesse dos trabalhadores, das comunidades locais e do meio ambiente. Empresas competitivas e lucrativas não precisam ficar acorrentadas à ganância dos acionistas.
- Proporcionar apoio financeiro a empresas igualitárias. Os governos também podem usar tributos e outros instrumentos econômicos, como as compras públicas, para priorizar modelos de negócio igualitários. Nenhuma ajuda econômica ou contratos governamentais devem ser concedidos a empresas que não cumpram suas metas de emissão líquida zero, que paguem salários inferiores aos dignos ou que trabalhem para evitar o pagamento de impostos.

NOTAS

- 1 Ver nota metodológica, estatística 1.0.
- 2 K. Duggan (20 de julho de 2021) *Everything to know about Tuesday's Blue Origin space launch with Jeff Bezos*. Fortune. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://fortune.com/2021/07/19/jeff-bezos-space-launch-blue-origin-july-20-2021-billionaires>
- 3 D. Streitfield (16 de março de 2021) *How Amazon Crushes Unions*. New York Times. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.nytimes.com/2021/03/16/technology/amazon-unions-virginia.html>
- 4 Entrevista da Oxfam com o Reverendo Ryan Brown, 4 de outubro de 2023.
- 5 Oxfam America (junho de 2018) *US Supermarket Supply Chains: Ending the human suffering behind our food*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <http://dx.doi.org/10.21201/2018.1633>
- 6 Oxfam. (s. d.). *Behind the seafood in our markets: stories of human suffering*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfam.org/en/behind-sea-food-our-markets-stories-human-suffering>
- 7 Ver nota metodológica, estatística 1.0.
- 8 Ver nota metodológica, estatística 1.0.
- 9 Ver nota metodológica, estatística 1.6.
- 10 O acionista principal é definido pela Comissão de Valores Mobiliários dos Estados Unidos. As ações com direito a voto de um acionista principal lhe permitem votar em quem deve ser o Chief Executive Officer (CEO) ou em quem fará parte do conselho de administração da empresa. Investopedia. (2022). *Principal Shareholder: Meaning, Requirements, Primary Shareholder*. Acessado em 29 de novembro de 2023. <https://www.investopedia.com/terms/p/principal-shareholder.asp>
- 11 Ver nota metodológica, estatística 3.0.
- 12 Ver nota metodológica, estatística 1.4. Apesar de usarmos o termo "homem" e "mulher" ao longo deste informe para descrever a divisão de gêneros entre bilionários, baseado nas categorizações da lista de bilionários da Forbes e outras fontes de dados secundárias, reconhecemos que esses são termos binários e podem falhar em capturar e representar pessoas não-binárias e outros gêneros para os quais dados desagregados sobre riqueza não estão disponíveis, o que nos impede de entender completamente as desigualdades de riqueza baseadas em gênero.
- 13 Ver nota metodológica, estatística 1.8.
- 14 A. Khalfan, et al. (2023). *Climate Equality: A Planet for the 99%*. Oxfam. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfam.org.br/noticias/o-1-mais-rico-do-mundo-emite-a-mesma-quantidade-de-poluicao-que-5-bilhoes-de-pessoas/>
- 15 A. Aladangady, A. C. Chang e J. Krimmel. (2023). *Greater wealth, greater uncertainty: Changes in racial inequality in the survey of consumer finances*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.federalreserve.gov/econres/notes/feds-notes/greater-wealth-greater-uncertainty-changes-in-racial-inequality-in-the-survey-of-consumer-finances-20231018.html>
- 16 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>
- 17 Ver nota metodológica, estatística 2.3.
- 18 Ver nota metodológica, estatística 1.7
- 19 Ver nota metodológica, estatística 1.0.
- 20 Banco Mundial (2023). *10: Reduced Inequalities: Progress and setbacks in reducing income inequalities*. Atlas of Sustainable Development Goals 2023. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://datatopics.worldbank.org/sdgoals/goal-10-reduced-inequalities?lang=en>
- 21 Ver nota metodológica, estatística 1.1.
- 22 A. Khalfan, et al. (2023). *Igualdade Climática*, op. cit.
- 23 S. Wilkin (31 de março de 2022). *2022 Political Risk Survey Report*. Acessado em 29 de novembro de 2023. <https://www.wtco.com/en-gb/in-sights/2022/03/2022-political-risk-survey-report>
- 24 Oxfam (9 de outubro de 2023). *World's poorest countries to slash public spending by more than \$220 billion in face of crushing debt*. Nota à imprensa. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfam.org/en/press-releases/worlds-poorest-countries-slash-public-spending-more-220-billion-face-crushing-debt>
- 25 D. Abed e F. Kelleher (2022). *The Assault of Austerity: How prevailing economic choices are a form of gender-based violence*. Oxfam. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/the-assault-of-austerity-how-prevailing-economic-policy-choices-are-a-form-of-g-621448/>
- 26 Ver nota metodológica, estatística 1.2.
- 27 Ver nota metodológica, estatística 1.3.
- 28 Oxfam (6 de julho de 2023). *Big business' windfall profits rocket to "obscene" \$1 trillion a year amid cost-of-living crisis; Oxfam and ActionAid renew call for windfall taxes*. Nota à imprensa. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfam.org/en/press-releases/big-business-windfall-profits-rocket-obscene-1-trillion-year-amid-cost-living-crisis>
- 29 Ver nota metodológica, estatística 2.2.
- 30 Ver nota metodológica, estatística 1.8.
- 31 Ver nota metodológica, estatística 3.1.
- 32 O acionista principal é definido pela Comissão de Valores Mobiliários dos Estados Unidos. As ações com direito a voto de um acionista principal lhe permitem votar em quem deve ser o Chief Executive Officer (CEO) ou em quem fará parte do conselho de administração da empresa. Investopedia. (2022). *Principal Shareholder: Meaning, Requirements, Primary Shareholder*. Acessado em 29 de novembro de 2023. <https://www.investopedia.com/terms/p/principal-shareholder.asp>
- 33 Ver nota metodológica, estatística 3.0.
- 34 T. Pang et al. (2020). *Study on the Impact of Mergers and Acquisitions on Innovation in the Pharmaceutical Sector*. European Commission Publications Office. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://data.europa.eu/doi/10.2777/323819>

- 35 ETC Group. (2022). *Food Barons 2022*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://www.etcgroup.org/files/files/food-barons-2022-full_sectors-final_16_sept.pdf; S. Wixforth e K. Haddouti. (19 de dezembro de 2022). *How big companies are profiting from inflation*. *Blog International Politics and Society*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.ips-journal.eu/topics/economy-and-ecology/how-big-companies-are-profiting-from-inflation-6388/>
- 36 S. Joseph (4 de fevereiro de 2022). *The Rundown: Google, Meta and Amazon are on track to absorb more than 50% of all ad money in 2022*. *Digiday*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://digiday.com/marketing/the-rundown-google-meta-and-amazon-are-on-track-to-absorb-more-than-50-of-all-ad-money-in-2022/>
- 37 SimilarWeb (2023). *Search Engines Market Share* (junho de 2023). Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.similarweb.com/engines/>; D. McCabe e N. Grant (11 de setembro de 2013). *Google Goes on Trial Over Justice Dept. Claims That It Has Monopoly Power*. *The New York Times*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.nytimes.com/2023/09/11/technology/google-monopoly-justice-dept-trial.html>
- 38 S. Robert (2023). "Competition, Trade, and Sustainability in Agriculture and Food Markets in Africa." *Oxford Review of Economic Policy*, 39(1), Spring 2023, 147-61. <https://academic.oup.com/oxrep/article-abstract/39/1/147/7030599?redirectedFrom=fulltext>
- 39 V. Acharya (2023). *India at 75: Replete with Contradictions, Brimming with Opportunities, Saddled with Challenges*. Artigo apresentado em uma conferência do Brookings Paper on Economic Activity, 30-31 de março de 2023.
- 40 W. Chen et al. (2019). *World Economic Outlook, April 2019 Growth Slowdown, Precarious Recovery*. Capítulo 2: The Rise of Corporate Market Power and Its Macroeconomic Effects. Fundo Monetário Internacional. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2019/03/28/world-economic-outlook-april-2019>
- 41 J. De Loecker, J. Eeckhout e G. Unger. (2020). "The Rise of Market Power and the Macroeconomic Implications*," *The Quarterly Journal of Economics*, 135(2), 561-644; J. Eeckhout. (2021) *The Profit Paradox: How Thriving Firms Threaten the Future of Work*, Princeton: Princeton University Press, 2021. <https://doi.org/10.1515/9780691222769>
- 42 I. M. Weber e E. Wasner (2023). 'Sellers' Inflation, Profits and Conflict: Why can Large Firms Hike Prices in an Emergency?' *Economics Department Working Paper Series*. 343. <https://doi.org/10.7275/cbv0-gv07>
- 43 J. Ghosh (8 de junho de 2023). "The Social Consequences of Inflation in Developing Countries." *The Economic and Labour Relations Review*, 34(2), 203-11.
- 44 Balanced Economy Project (16 de dezembro de 2022). *How finance drives monopoly*. The Counterbalance. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://thecounterbalance.substack.com/p/how-finance-drives-monopoly-power?utm_source=profile&utm_medium=reader2 <https://thecounterbalance.substack.com/p/how-finance-drives-monopoly>; Bain & Company (2019). *Global Private Equity Report 2019*. Bain & Company, Inc. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://www.bain.com/contentassets/875a49e26e9c4775942ec5b86084df0a/bain_report_private_equity_report_2019.pdf; Center for Economic and Policy Research (2022). *Comment Letter in Response to the FTC and DOJ's Request for Information on Merger Enforcement*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://cepr.net/comment-letter-in-response-to-the-ftc-and-doj-s-request-for-information-on-merger-enforcement/>
- 45 D. Hearn et al. (2022). *The roll-up economy: the business of consolidating industries with serial acquisitions*. American Economic Liberties Project: Working paper series on corporate power. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <http://www.economicliberties.us/wp-content/uploads/2022/12/Serial-Acquisitions-Work-Paper-R4-2.pdf>
- 46 O total de ativos sob investimento em todo o mundo, segundo o Boston Consulting Group, era de 98 trilhões de dólares em 2022. Portanto, os cerca de 20 trilhões sob gestão de BlackRock, State Street e Vanguard representam quase um quinto. Boston Consulting Group. (15 de maio de 2023). *Global Asset Management Industry Must Transform to Thrive Amidst Changing Macroeconomics*. Nota à imprensa. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.bcg.com/press/15may2023-global-asset-management-transform-to-thrive>
- 47 E. Elhauge (2020). 'How Horizontal Shareholding Harms Our Economy - And Why Antitrust Law Can Fix It' *Harvard Business Law Review*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3293822; D. McLaughlin e A. Massa (9 de janeiro de 2020). *The hidden dangers of the great index fund takeover*. Bloomberg. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.bloomberg.com/news/features/2020-01-09/the-hidden-dangers-of-the-great-index-fund-takeover>
- 48 R. Vazquez-Alvarez et al. (2022). *Global Wage Report 2022-23: The Impact of Inflation and COVID-19 on Wages and Purchasing Power*. International Labour Organization. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://researchrepository.ilo.org/esploro/outputs/report/995264896002676>.
- 49 Ver nota metodológica, estatística 1.1.
- 50 D. Alejo Vázquez Pimentel et al. (2018). *Recompensem o Trabalho, Não a Riqueza: Para pôr fim ao estado de desigualdades no qual estamos, precisamos construir uma economia voltada para os trabalhadores, não só para os super-ricos*. Oxfam. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/recompensem-o-trabalho-nao-a-riqueza/>
- 51 G. Azcona et al. (2023). *Progress On the Sustainable Development Goals: The Gender Snapshot 2023*. United Nations Women and United Nations Department of Economic and Social Affairs. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.unwomen.org/sites/default/files/2023-09/progress-on-the-sustainable-development-goals-the-gender-snapshot-2023-en.pdf>
- 52 Ver, p. ex., Relatório para o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas. 2019. *Report of the Special Rapporteur on contemporary forms of racism, racial discrimination, xenophobia and related intolerance*. undocs.org/A/HRC/41/54; J. Brunner e G. LeBaron (2021). *Forced Labour Evidence Brief: Labour Share and Value Distribution*. Re:Structure Lab. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://static1.squarespace.com/static/6055c0601c885456ba8c962a/t/61d5d81de83cf8390ca5a915/1641404446025/ReStructureLab_LabourShareandValueDistribution_December2021.pdf.
- 53 U. Gneiting et al. (2020). *Poder, Lucros e Pandemia*. Oxfam. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/poder-lucros-e-pandemia/>
- 54 Ver, p. ex., D. Fahrenthold e T. Smith (17 de janeiro de 2023). *How restaurant workers help pay for lobbying to keep their wages low*. *The New York Times*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.nytimes.com/2023/01/17/us/politics/restaurant-workers-wages-lobbying.html>; A. Gangitano (26 de janeiro de 2021). *Business groups prepare for lobbying push against \$15 minimum wage*. *The Hill*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://thehill.com/business-a-lobbying/535957-business-groups-prepare-for-lobbying-effort-against-raising-the-minimum/>
- 55 Ver, p. ex., The Institution of Occupational Safety and Health (IOSH) (s. d.). *UN Working Group on Business and Human Rights: Call for inputs to Multi-stakeholder Consultation on "Corporate Influence in the Political and Regulatory Sphere"*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.ohchr.org/sites/default/files/2022-06/institution-of-occupational-safety-and-health.pdf>.
- 56 E. Walker e C. Rea (2014). *The Political Mobilization of Firms and Industries*. Department of Sociology, University of California. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-soc-071913-043215>
- 57 J. Sherer e N. Mast (2023). *Child Labor Laws Are Under Attack in States Across the Country*. Economic Policy Institute. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://files.epi.org/uploads/263680.pdf>

- 58 M. Christensen et al. (2023). A "Sobrevivência" dos Mais Ricos: Nota metodológica. Oxfam International. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://a41a.short.gy/sedH6t>; OCDE (2022). *Corporate Tax Statistics: Fourth Edition*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oecd.org/tax/tax-policy/corporate-tax-statistics-fourth-edition.pdf>
- 59 M. Gardner e S. Wamhoff (2021). *55 Corporations Paid \$0 in Federal Taxes on 2020 Profits*. Institute on Taxation and Economic Policy. <https://itep.org/55-profitable-corporations-zero-corporate-tax/>
- 60 Banco Mundial (2022). *Poverty and Shared Prosperity 2022*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://openknowledge.worldbank.org/server/api/core/bitstreams/b96b361a-a806-5567-8e8a-b14392e11fa0/content>; E. Saez e G. Zucman (2020). *The Triumph of Injustice: How the Rich Dodge Taxes and How to Make Them Pay*. New York City: W. W. Norton & Company.
- 61 M. Christensen et al. (2023). A "Sobrevivência" do Mais Rico: por que é preciso tributar os super-ricos agora para combater as desigualdades. Oxfam. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/a-sobrevivencia-do-mais-rico/>
- 62 Relatório para Assembleia Geral das Nações Unidas (2018). *Extreme Poverty and Human Rights*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://undocs.org/A/73/396>
- 63 R. Noble (2018). *From Rhetoric to Rights: Towards Gender-just Trade*. ActionAid. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://www.actionaid.org.uk/sites/default/files/publications/from_rhetoric_to_rights_towards_gender-just_trade_actionaid_policy_briefing.pdf
- 64 Ver, p. ex., Grupo Banco Mundial. (2017). *Maximizing Finance for Development: Leveraging the Private Sector for Growth and Sustainable Development*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://www.devcommittee.org/content/dam/sites/devcommittee/doc/documents/mgr/DC2017-0009_Maximizing_8-19.pdf; USAID (2018). *Private Sector Engagement Policy*. USAID. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://www.usaid.gov/sites/default/files/2022-05/usaid_psepolicy_final.pdf; Eurodad (2022). *History RePPeated II: Why Public Private Partnerships are not the solution*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://assets.nationbuilder.com/eurodad/pages/3071/attachments/original/1671445992/01_history-rePPeated-2022-EN_19dec.pdf?1671445992
- 65 Ver, p. ex., F. Schulte (14 de novembro de 2022). *Sick profit: Investigating private equity's stealthy takeover of health care across cities and specialties*. KFF Health News. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://kffhealthnews.org/news/article/private-equity-takeover-health-care-cities-specialties/>; The Guardian (21 de maio de 2023). *The Guardian view on England's water companies: A badly broken system*. The Guardian. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.theguardian.com/environment/commentisfree/2023/may/21/the-guardian-view-on-englands-water-companies-a-badly-broken-system>; A. Gupta et al. (2021). *Owner Incentives and Performance in Healthcare: Private Equity Investment in Nursing Homes*. National Bureau of Economic Research. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.nber.org/papers/w28474>
- 66 M. Lawson (2019). *Bem Público ou Riqueza Privada*. Oxfam. Acessado em 1º de dezembro de 2023 <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/bem-publico-ou-riqueza-privada/>
- 67 Ver, p. ex., M. Lawson (2019) *Bem Público ou Riqueza Privada*, op. cit.; D. Abed e F. Kelleher (2022). *The Assault of Austerity*, op. cit.
- 68 Ver, p. ex., G. Wilson, et al. (2015). 'Racial Income Inequality and Public Sector Privatization.' *Social Problems*, 62(2), 163-185. <https://academic.oup.com/socpro/article-abstract/62/2/163/1611490?redirectedFrom=fulltext>.
- 69 N. Jadhav e A. Taneja (2022) *The private health sector in India from the lens of Dalits and Adivasis*. Oxfam India. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfamindia.org/dalitadivasiprivateschools>
- 70 A. Taneja e Noopur (2022) *Private schools in India: Experiences of Dalits and Adivasis*. Oxfam India. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oxfamindia.org/privateschoolsdalitsadivasis>
- 71 A. Khalfan, et al. (2023). *Igualdade Climática*, op. cit.
- 72 A. Maitland, et al. (2022). *Carbon Billionaires: The Investment Emissions of the World's Richest People*. Oxfam. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/carbon-billionaires-the-investment-emissions-of-the-worlds-richest-people-621446/>
- 73 Ver, p. ex., Influence Map (2023). *Industry lobbying imbalance putting South Africa's climate goals at risk*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. https://influencemap.org/site/data/000/021/2023_-_01_South_Africa_report.pdf; J. H. Cushman (1998). *Industrial group plans to battle climate treaty*. *New York Times*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.nytimes.com/1998/04/26/us/industrial-group-plans-to-battle-climate-treaty.html>; EarthRights International (2022). *The Fossil Fuel Industry's use of SLAPPs and Judicial Harassment in the United States. Policy Brief*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://earthrights.org/wp-content/uploads/SLAPP-Policy-Brief-2022.pdf>.
- 74 Ver Forbes: <https://www.forbes.com/real-time-billionaires/#4cc499f13d78>.
- 75 UBS. (2023). Relatório sobre Riqueza Global 2023. <https://www.ubs.com/global/en/family-office-uhnw/reports/global-wealth-report-2023.html>
- 76 F. Grigoli e A. Robles (2017). *Inequality Overhang*. FMI. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2017/03/28/Inequality-Overhang-44774>; OCDE Directorate for Employment, Labour and Social Affairs (2014). *Does income inequality hurt economic growth?* Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://www.oecd.org/social/Focus-Inequality-and-Growth-2014.pdf>
- 77 A carta está disponível em <https://equalshope.org/index.php/2023/07/17/setting-serious-goals-to-combat-inequality/>
- 78 M. Doyle e J. Stiglitz (2014). 'Eliminating Extreme Inequality: A Sustainable Development Goal, 2015-2030'. *Ethics & International Affairs*, 28(1), 5-13. doi:10.1017/S0892679414000021
- 79 Isso ocorre depois dos impactos de impostos e transferências sociais. Essa relação é conhecida como índice de Palma de 1, que representa o nível de igualdade encontrado em países como Dinamarca e França. A recomendação de que todos os países deveriam almejar um índice Palma de 1 foi feita pela primeira vez por Michael Doyle e Joseph Stiglitz. 'Eliminating Extreme Inequality: A Sustainable Development Goal, 2015-2030'. *Ethics & International Affairs*, 28(1), 5-13. <https://www.cambridge.org/core/journals/ethics-and-international-affairs/article/abs/eliminating-extreme-inequality-a-sustainable-development-goal-20152030/013C79F9BBBE40CDFFE4A5348CEAE05F>
- 80 Grupo Banco Mundial. *State-Owned Enterprises: Understanding their market effects and the need for competitive neutrality*. Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://pubdocs.worldbank.org/en/739371594131714315/15444-WB-SOE-WEB.pdf>
- 81 M. Mazzucato e H. L. Li (2020). 'Is it time to nationalise the pharmaceutical industry?' *BMJ* 2020, 368, Acessado em 1º de dezembro de 2023. <https://doi.org/10.1136/bmj.m769>
- 82 T. Wu (2018). *The Curse of Bigness: Antitrust in the New Gilded Age*. New York City: Columbia Global Reports.

Oxfam

A Oxfam é uma Confederação internacional de 21 organizações, que trabalham com parceiros e aliados, alcançando assim milhões de pessoas em todo o mundo. Juntas e juntos, enfrentamos as desigualdades para acabar com a pobreza e as injustiças, agora e no longo prazo – para um futuro mais justo e menos desigual. Para mais informações, visite www.oxfam.org

Oxfam America (www.oxfamamerica.org)

Oxfam Aotearoa (www.oxfam.org.nz)

Oxfam Australia (www.oxfam.org.au)

Oxfam-in-Belgium (www.oxfamsol.be)

Oxfam Brasil (www.oxfam.org.br)

Oxfam Canada (www.oxfam.ca)

Oxfam Colombia (www.oxfamcolombia.org)

Oxfam Denmark (www.oxfam.dk)

Oxfam France (www.oxfamfrance.org)

Oxfam GB (www.oxfam.org.uk)

Oxfam Germany (www.oxfam.de)

Oxfam Hong Kong (www.oxfam.org.hk)

Oxfam India (www.oxfamindia.org)

Oxfam Intermón (Spain) (www.oxfamintermon.org)

Oxfam Ireland (www.oxfamireland.org)

Oxfam Italy (www.oxfamitalia.org)

Oxfam Mexico (www.oxfammexico.org)

Oxfam Novib (Netherlands) (www.oxfamnovib.nl)

Oxfam Québec (www.oxfam.qc.ca)

Oxfam South Africa (www.oxfam.org.za)

KEDV (www.kedv.org.tr)



OXFAM